

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura

Alberto Braga



*O enjeitado*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Alberto Braga

## *O Enjeitado*

Atualização ortográfica  
Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1888.

**Alberto Leal Barradas Monteiro Braga  
(1851 – 1911)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 471**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Alberto Braga: “*O Enjeitado*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## RESUMO BIOGRÁFICO

Alberto Braga nasceu em Foz do Douro, Portugal, em 1851. Faleceu na cidade do Porto no ano de 1911, vítima de tuberculose.

Foi secretário do Instituto Comercial de Lisboa. Ao longo da sua carreira assinou diversas crônicas literárias em jornais portugueses e brasileiros. Como autor, escreveu peças de teatro e livros de contos sendo reconhecido pelo seu estilo direto e claro, pela sobriedade na escrita e pelo tom sentimental que imprimiu a algumas das suas obras. Desenvolveu peças teatrais com uma forte raiz romântica e com pendor naturalista. Foi diretor da revista *A semana de Lisboa* (1893-1895) e colaborou em várias publicações periódicas, nomeadamente nas revistas *Brasil-Portugal* (1899-1914), *Ilustração portuguesa* (1903-1980), *Serões* (1901-1911) e *A risota* (1908).

Obras:

*Contos da Aldeia* (1916), *Contos da Minha Lavra* (1879), *Os Confidentes* (1887), e teatro: *A Estrada de Damasco* (1892), *A Irmã* (1894), *O Estatuário* (1897).

*Wikipédia*  
*Julho, 2014 (editado)*

## O ENJEITADO

A Joaquina do Espinhal tinha ido, no fim da tarde, lavar ao rio a roupa dos pequenos. Era no mês de dezembro. A água corria por entre os choupos, fria e levemente encrespada pela brisa que soprava do norte. Joaquina do Espinhal, com as saias arregaçadas na cintura, as pernas metidas na água até ao joelho, ensaboava a roupa e batia-a com força sobre a pedra polida e lustrosa do lavadouro.

Da outra banda, pelo carreiro que havia à beira do rio, passou o filho do moleiro a tanger os machos. O rapaz ia tranzido de frio, com a gola da jaqueta apanhada para as orelhas, a assobiar alto. Assim que reconheceu a lavadeira, parou, fincou a mão ao tronco de uma árvore, e, debruçando-se sobre o rio, perguntou de lá:

— Vocemecê não tem frio?

A Joaquina aprumou-se e respondeu:

— Ai! és tu, Jerônimo! Frio? Quem fala nisso? Quando a gente tem filhos, não deita conta a nada. Onde ides?

— Vou levar a fornada a casa do sr. doutor.

— Pois vai com Deus, vai.

Mas o rapaz deixou-se ficar imóvel a olhar para ela. Os machos iam tosando nas silvas.

— Que frio! — exclamava ele todo arrepiado.

— Credo! Se eu a visse aí de noite, diabos me levem se não deitava a fugir com medo!

A lavadeira ria-se.

— Medo de quê, rapaz?

— Some-te! — dizia o moleiro. — De noite, só as bruxas é que vêm lavar aos rios... Adeusinho, tia Joaquina.

— Adeus, ó Jerônimo.

Era já noite, quando a Joaquina voltou para casa, carregada com o alguidar da roupa molhada à cabeça. Atravessou uma bouça; e, quando ia a transpor o portelo, que dava para a estrada, estacou de repente. Tinha ouvido uns gemidos vagos ali perto. Debaixo da lajem do portelo, por entre o tojo, alvejava alguma coisa que se movia. Cuidou ao princípio que fosse um cão; e ia a dar-lhe com a ponteira da chinela, quando os gemidos se repetiram.

— Ele que dianho é?

Pousou resolutamente o alguidar no primeiro degrau do portelo, abaixou-se para examinar de perto; e, ao levantar uma ponta da trouxa, viu uma criança recém-nascida, nua, embrulhada num lençol velho. Tomou logo a criança nos braços, e, achegando-a ao calor do peito, exclamava comovida:

— Ó meu rico filho! Que grande cadela foi a tua mãe! Que grande desavergonhada!

Quando entrou em casa, o marido estava com os dois pequenos sentado ao calor da lareira. A Joaquina correu o ferrolho interior da porta, e, chegando-se junto do homem, apresentou-lhe nos braços o enjeitado.

— Aqui tens este leitão.

O João do Espinhal pôs-se logo de pé muito espantado. A criança, lívida de frio, ao sentir o calor do lume, agitava-se no lençol, abria os olhos e a boca, procurando com impaciência e avidez o leite do seio materno.

— Meu rico anjinho! — exclamava a Joaquina, bafejando-lhe as mãozinhas. — Que frio e que fome que tu tens!

Referiu ao homem como encontrara, ao voltar do rio, aquele inocentinho abandonado no meio do tojo.

— Se o não topo no caminho, a criancinha a esta hora tinha morrido de frio.

— Mas tu que lhe queres fazer? — perguntou o marido, passado um momento de surpresa.

— Que lhe quero fazer!! Vou daqui pedir à mulher do Cosme que chegue o peito a este inocente; e amanhã veremos então a volta que lhe hei de dar.

O João, imóvel e calado, com os olhos postos na labareda da lareira, coçava a nuca. O que ele não queria era aumentar os encargos da família com mais um estranho. A fêria de pedreiro, que recebia aos sábados, mal lhe chegava para o

sustento da mulher e dos dois filhos; agora, se a Joaquina teimasse em ficar com o enjeitado...

— É uma dos diabos! — pensava ele, franzindo os beiços.

A Joaquina saiu de casa com a criança ao colo, e voltou pouco depois, explicando ao homem o que tinha sucedido. A Josefa do Cosme tomava conta do inocente, chegava-lhe o peito; mas queria que alguém desse parte ao regedor, porque não estava para se meter em trabalhos.

— Porque — dizia a mulher — o leite que tenho, graças a Deus, chega bem para ele, sem o tirar à filha; mas, sr.<sup>a</sup> Joaquina, é preciso que alguém de futuro tome conta da criança...

A Joaquina combinou com a vizinha irem no dia seguinte a casa do regedor; e depois talvez que o fidalgo da Tojeira tivesse dó do enjeitinho, e tomasse conta dele. E senão — insistia ela — tomo eu! Pois! Onde houver um bocado de pão para os filhos, há de haver uma migalha para o inocente.

O João ouvia isto contrariado e sisudo, mas sem replicar. Mandou deitar os pequenos. Quando despiu a jaqueta, para se meter também na cama, encostou-se à ilharga da enxerga, e voltando-se para a mulher perguntou:

— Mas, ó mulher, e se o fidalgo o não quiser? Sim; vamos a futurar que o fidalgo, que é teimoso como o burro, não está por o que vocês lhe dizem?

— Adeus! — replicou peremptoriamente a Joaquina, encolhendo os ombros. — Ao monte não atiro eu outra vez o inocente!

No dia seguinte, a Josefa do Cosme vestiu uma camisa velha à criança, embrulhou-a em uma baeta escarlata, e com ela ao colo, foi ter com a Joaquina. Saíram ambas para casa do regedor. A Joaquina referiu o caso, com grandes injurias contra a desalmada que abandonou assim o filho por um inverno daqueles! O regedor, que era sujeito circunspecto e metódico, entendia que o verdadeiro era irem dali a casa do abade.

— Primeiro que tudo, mulheres — ponderou ele — vamos a fazer disto uma alma cristã. Uma de vocês serve-lhe de madrinha, e então o fidalgo, se estiver por isso, que seja o padrinho.

Puseram-se a caminho da residência.

O abade tinha engrolado à pressa o latim da missa do dia, com grande apetite do café quente do almoço. Ia a sair apressadamente da igreja, quando viu entrar no adro as duas mulheres acompanhadas pelo regedor.

— Vai torta! — resmungou ele, a tiritar de frio, com as mãos entangidas enfiadas nos bolsos das calças. Parou no limiar; e, logo que elas se aproximaram: — Que temos? Perguntou com modo desabrido, batendo com ambos os pés na soleira da porta.

A Joaquina repetiu outra vez diante do abade o mesmo que tinha dito ao regedor.

— Mas quem será a mãe? — perguntava ele, tentando descobrir nas feições indecisas da criança uma denuncia.

— Quem sabe lá, sr. abade — dizia a Josefa.

E com a dobra da mantilha resguardava dos olhares cupidos e profanos do padre o peito alvo e apoiado em que a criança mamava.

— Mas que grande bêbeda, sr. abade! — rosnava a Joaquina. — Que grande... com licença de v. sr.<sup>a</sup>... que grande cabra!

O abade replicou-lhe:

— Não insulte as cabras, mulher; não insulte as cabras, que essas não enjeitam os filhos.

Combinou-se ali em que as duas mulheres fossem pedir ao morgado para ser o padrinho.

— E se ele aceder — disse o abade, safando-se para a residência — mandem-me parte, que eu batizo-o hoje mesmo. Vivam!

O fidalgo da Tojeira era madrugador. Andava já a passear ao sol da varanda alpendrada da casa, quando o criado lhe veio anunciar que a do João do Espinhal e a do Cosme lhe queriam falar.

— Que venham aqui.

Entrou, à frente, a Joaquina do Espinhal, seguida da mulher do Cosme. Ao princípio, o morgado disse que não. Na sua opinião, quem faz os filhos que os crie. Ele não estava ali para remediar as poucas vergonhas do mundo. A Joaquina, porém, não desanimava; e, em quanto o fidalgo passeava ao longo da



varanda, obstinado no seu propósito, a mulher ajuntava súplica sobre súplica, e nas costas dele ia piscando o olho matreiro à vizinha. Instado por fortes razões humanitárias, o fidalgo cedeu.

— Pois bem — disse ele, parando do seu passeio. — Eu irei ser o padrinho; mas uma de vocês que se encarregue de o criar.

O enjeitado foi batizado às três horas da tarde desse mesmo dia. Na sacristia o abade, em quanto enfiava a sobrepeliz em frente do arcaz, lamentava que se tivesse dado aquele caso na freguesia.

— Mas quem será o maroto do pai! — perguntava o fidalgo.

— Quem sabe lá, sr. D. Bernardo! Nem talvez a própria mãe! Isto hoje, meu senhor, o mundo vai todo assim!

D. Bernardo, quando se oferecia ensejo gostava de chalacear.

— Pois, abade — replicou ele — pai tem a criança; salvo se elas fazem como as éguas de Virgílio, lembra-se?

.....*et saepe sine ulis*  
*Conjugiis vento gravidae (mirabile dictu!)*

O pequeno recebeu na pia batismal o nome de Simão. Foi o que ocorreu à lembrança do padrinho, que tivera assim chamado outro afilhado, morto de meningite uma semana depois de batizado.

\*\*\*

D. Bernardo da Cunha era um velho celibatário, egoísta e avarento. Assinava a Nação e o Bem Público; mas lia o Primeiro de Janeiro, que lhe dava a cotação exata dos fundos portugueses.

Por tradições de família, dizia-se legitimista, com quanto na sua consciência os correligionários entusiastas e crentes não passassem de um bando de visionários.

Vivia retirado do contato do mundo, entre as velhas e sombrias paredes do seu solar; mas, à cautela, ia seguindo, dia a dia, as cambalhotas da política constitucional, e sobre tudo a influência que ela exercia na alta e baixa das inscrições. Era como um passageiro esperto desta velha nau combalida e desconjuntada, que tem tesouro com que possa salvar-se, no caso de naufrágio!

Quando acontecia que algum velho padre correligionário ia à Tojeira, e falava com voz pungente da imoralidade dos governos, das torpezas das eleições, da dissolução dos costumes e da perda irreparável do país, o morgado, ouvidas as lamentações do Jeremias, encrespava nos lábios um sorriso zombeteiro, e exclamava:

— Isto, meu caro amigo, está a acabar. É tudo uma bandalheira!

Parecia uma frase de Tácito, escrevendo *sine ira et studio*, a história da dissolução dos romanos!

Era senhor de um morgadio avultado. Tinha uma irmã mais nova, senhora de 59 anos, professa no convento de S. Salvador, em Braga, que lhe escrevia de longe em longe, falando-lhe muito dos seus achaques, e de todos os santos canonizados do hagiológico cristão, e dos não canonizados, inclusive o fradinho João da Neiva do Carmo.

D. Bernardo, depois que a Joaquina e a Josefa se retiraram da igreja, chamou de parte o abade, e perguntou-lhe se devia dar alguma coisa à ama do enjeitado e afilhado. O abade era de opinião que a mulher merecia recompensa.

— Dando-lhe dois pintos cada mês? — perguntou o fidalgo.

— Paga v. ex.<sup>a</sup> mui bizarramente, sr. D. Bernardo — disse o padre.

Simão cresceu e medrou. No fim de um ano, ensaiava os primeiros passos ao lado da filha da Josefa. Foram desmamados ao mesmo tempo; e, Daí por diante, a tigela de sopas era comum dos dois. A Josefa criou uma grande afeição pelo pequeno. Isto causou um grande pasmo entre as vizinhas, que estavam costumadas a ver tratar os enjeitados com desapiedado abandono das mulheres que os recebiam.

— Não, que uma coisa assim! — diziam elas admiradas. — O pequeno parece filho dela!

A única diferença sensível aos olhos dos circunstantes era esta: quando acontecia ir D. Bernardo por casa do Cosme, a mulher obrigava o Simão a beijar a mão do fidalgo, ato respeitoso e humilde, a que não sujeitava a filha. O pequeno olhava o padrinho com o terror instintivo nas crianças para com as pessoas graves, que os não amimam. Mas, afinal, o hábito quase lhe venceu a repugnância; e, ao cabo de dois anos, com quanto a presença do fidalgo ainda o constrangesse e esfriasse no meio das suas alegres brincadeiras com a Madalena, chegava-se a ele, humilde, e pedia-lhe a benção, balbuciante e trêmulo:

— A sua benção, meu padrinho!

Decorreram os anos, sem alteração digna de crônica no desenvolvimento do rapaz. Saiu delicado de feições, de cabelos castanhos, os olhos claros e uma pele fina e branca, muito sensível aos ardores do sol do estio e aos nordestes ásperos do inverno.

Se acontecia demorar-se com Madalena fora de casa, pelo meio dos campos, com a cabeça exposta ao sol, carminavam-se-lhe as faces, e recolhia a pingar sangue pelo nariz. À noite a Josefa, quando o deitava, chegava-lhe vinagre ao nariz e aos pulsos; e, apalpando-lhe o ventre, achava-lhe sempre uma pontinha de febre. Este fato entristecia-a.

— És um pelem, meu filho! — dizia-lhe no outro dia, olhando o pequeno com piedosa ternura.

No inverno, constipava-se frequentemente. E em quanto a Madalena, forte, robusta, sadia, com as bochechas rosadas e luzidias como uma maçã madura, brincava fora, chapinando nas poças do caminho, o Simão ficava em casa, muito enroupado, friorento, agachado a um canto junto da mãe.

Pela volta dos oito anos, o pequeno principiou a andar muito triste. Não queria brincar. Até então, era ele o companheiro inseparável da Madalena e dos filhos da Joaquina do Espinhal. Logo que principiava a nascer nos campos o centeio, o Simão preparava as palheiras com o visco, colocava-as em sítio apropriado, e escondido com os amigos entre as giestas dos valados, espreitava dali que os pardais caíssem. Jogava o eixo e o botão com os rapazes que saíam da escola. A Madalena preferia-o a todos. Não a largava nunca; e se o Simão, nas duvidas do jogo, se pegava com alguns rapazes mais alentados, Madalena punha-se da banda dele, e arremetia valentemente.

Mas o Simão principiou a não querer sair. Ia a Madalena para a rua, e ficava ele sozinho em casa, encostado à janela, vendo a brincar de dentro dos vidros. Andava muito pálido e murcho; e, se se encostava sobre uma caixa, adormecia.

— Tu tens morrinha, rapaz — dizia-lhe a Josefa assustada e aflita. — Tu, que te doe, menino?

O rapaz não se queixava; mas a Josefa não tinha sossego.

Foi um dia de manhã, quando o Simão almoçava ao pé de Madalena, que a Josefa reparou que ele engolia o pão com esforço. Chamou-o logo junto de si, e

apalpou-lhe o pescoço. Sob a pressão dos dedos sentiu a dureza dos gânglios enfiados por detrás das orelhas.

— Tens humores frios, filho! — exclamou ela com uma voz dilacerante. — Doe-te?

As duas crianças, ao verem a cara assustada e aflitiva da mãe, desataram ambas uma risada.

— Não doe nada, não, minha mãe — asseverava ele.

Nesse mesmo dia, a Josefa vestiu-lhe camisa lavada e o melhor fato, e foi com ele a casa do padrinho.

— A Lena não vem? — perguntava o Simão com pena de a deixar só.

Pelo caminho, a idéia da separação aterrava-o.

— Eu não torno a ver a Lena, minha mãe? — insistia ele, virando para a Josefa os olhos suplicantes.

Ao chegarem a casa de D. Bernardo, a mulher explicou o motivo da visita.

— O pequeno saiu enfezadito, meu senhor. Anda triste, come pouco, e agora veja v. ex.<sup>ª</sup>.

E expunha aos olhos do fidalgo o cachaço rubro e inchado do rapaz.

— Apalpe aqui. Vê v. ex.<sup>ª</sup>? O rapazinho padece de humores frios.

D. Bernardo apalpou; e, ao ver ali o enjeitado, com a carita muito pálida, magro, abatido, com a tristeza melancólica das crianças doentes o que é como um pressentimento da morte, teve sincera comiseração.

— Leve-o de meu mando ao cirurgião — disse ele. — E o que receitar, que lho aviem na botica por minha conta.

E quando a Josefa ia a sair chamou-a atrás.

— Olhe, mulherzinha; e precisando de mais alguma coisa apareça por aqui.

O cirurgião receitou ferruginosos e banhos do mar.

Por esse tempo, recebeu D. Bernardo uma carta da irmã freira, dizendo que o médico lhe prescrevera o uso de banhos do mar. Para não incomodar o mano, tinha indagado no recolhimento se alguma senhora iria às praias; mas, infelizmente, nenhuma ia! Era uma desgraça!

Respondeu o morgado que pedisse a mana ao sr. arcebispo licença para sair e iria ele acompanhá-la à Povia de Varzim, logo que findassem as vindimas. Acrescentava que levaria consigo um enjeitado seu afilhado, que padecia de escrofulas. Recomendava-lhe que pedisse saúde e a graça de Deus, que trabalhos e canseiras não faltavam neste mundo!

No meado de outubro, por um tempo seco, mas um pouco frio dos ventos outoniços, apareceu na Tojeira a irmã do fidalgo seguida de uma criada velha.

Resolveram partir na madrugada do dia seguinte para a Povia.

Na véspera, antes de se deitar, esteve a Josefa a apertar em uma pequena trouxa a roupinha do enjeitado.

— Tu porta-te bem, Simão — recomendava-lhe ela. — Olha que aqueles fidalgos são os teus benfeitores. Ouviste?

O pequeno ouvia-a sem poder falar. Sentia comprimida a garganta e os olhos embaciados de lágrimas. Passou quase toda a noite em claro. A idéia da separação próxima fazia o chorar copiosamente.

Escondia a cabeça debaixo do lençol; e ali, colado à parede, chorava e soluçava baixinho, com receio de acordar a Lena. Só muito tarde, prostrado pela comoção, é que adormeceu.

Rompia a luz da madrugada pelas frinchas da janela, quando a Josefa se levantou. Chegou-se à cama do pequeno, abanou-o e acordou-o.

— Simão, ó Simão!

O rapaz ergueu-se atarantado.

— Veste-te, filho. Anda, que são horas.

O Simão saltou abaixo da cama, e principiou a vestir-se de vagar, atordoado, sem dar tino do que fazia.

A Josefa ajudava-o com o coração oprimido, mas fingindo não compreender a tortura do pequeno.

— Não faças bulha, que acordas a Lena — recomendou ela a meia voz.

Mas do leito da mãe, a Lena ouviu e respondeu:

— Eu não durmo, minha mãe.

E sentou-se na cama, para se vestir à pressa.

Quando o pequeno estava vestido e pronto, a Josefa sobraçou a trouxa, e disse resolutamente:

— Vamos, filho, vamos.

A Lena também queria ir.

A mãe opôs-se, dizendo que estava a manhã muito fria. Lena desatou a chorar, voltada para o lado.

Na ocasião que a Josefa abriu a porta da casa para sair, o Simão ficou um momento hesitante e ansioso. Aproximou-se da Madalena; e, com um sorriso contrafeito, como a querer sustar as lágrimas, despediu-se com uma voz sufocada:

— Adeus, Lena.

A pequena não respondeu. Com as costas voltadas para ele, imóvel no meio do quarto, encolheu os ombros.

— Adeus, Lena — repetiu ele mais alto e a chorar.

Então a pequena, em uma grande efusão de ternura, lançando-lhe os braços ao pescoço, beijou-o repetidas vezes:

— Adeus, Simão.

E quando o enjeitado ia já longe, pelo atalho fora, ao lado da mãe, Madalena da porta da casa seguia-o com os olhos cheios de lágrimas e dizia-lhe baixinho adeus, acenando com a mão:

— Adeus, Simão! Adeus!

\*\*\*

A família da Tojeira esteve um mês a banhos na Povoia de Varzim. Habitava uma casa pequena na rua da Junqueira. A sr.<sup>a</sup> D. Leonarda levantava-se de madrugada, e ia para a praia, seguida da criada e do Simão.

Nos primeiros dias, o pequeno sentiu um horror extraordinário pelo mar.

Entrava na barraca a tremer e a chorar, pedindo a Deus que o matasse!

A sr.<sup>a</sup> D. Leonarda, a sós com ele, falava-lhe com aspereza e de sobrececho carregado. O rapazito reprimia as primeiras lágrimas, e ouvia-a com submissão e humildade.

— Pois o sr. D. Bernardo e eu — gritava a freira — a termos toda a caridade por ti, e tu, ingrato, ainda choras!

E, como Simão, com a cabecinha baixa como um réu convicto, principiava a soluçar, e as lágrimas lhe caíssem em fio, D. Leonarda indignada, levantava a voz e gesticulava convulsa:

— Tu porque choras, rapaz? Ingrato! — e, olhando sobre o ombro, observava com irônica piedade: — Sempre hás de mostrar que és filho do pecado!

Diante de estranhos, no grupo das senhoras que lhe falavam, a freira de S. Salvador mudava de tom. Tinha uma voz melíflua, vagarosa, e, dando aos olhos uma feição terna, dizia do rapaz:

— É um enjeitadinho, que o mano protege. Ele é que o não merece! — acrescentava D. Leonarda, azedando a voz. — É muito ingrato! Ah! nem v. ex.<sup>a</sup> fazem idéia! Depois, quase confidencialmente, explicava:

— Sempre estes desgraçados hão de mostrar que vieram a este mundo contra a vontade de Nosso Senhor!

Simão ouvia isto sem levantar os olhos. De volta para casa, a freira não cessava de o repreender.

Um dia, na ausência de D. Bernardo, D. Leonarda, durante o almoço, esteve constantemente a gritar ao pequeno. Simão, sentado defronte, ouvia-a silencioso, sorvendo o café a pequeninos golos. D. Leonarda, no auge da sua irritação, gritou-lhe:

— Levanta a cabeça, rapaz! Deixa o café. O rapazinho pousou logo a xícara e o pão, engoliu com esforço o bocado que mastigava, e deixou pender os braços.

Não pôde comer mais.

Os únicos momentos felizes durante o mês que esteve na Povia eram os que passava na varanda da casa, depois do jantar, em quanto D. Bernardo e D. Leonarda dormiam a sesta. Na cozinha, a criada, sentada em uma cadeira junto da janela que deitava para uma horta, cabeceava. Simão atravessava então o corredor em bicos de pés, e ia debruçar-se no peitoril da varanda, distraído a ver na rua a concorrência de banhistas. A vista da gente da aldeia alegrava-o. Todas as raparigas da altura da Madalena, vistas de longe, lhe pareciam a irmã. — Se fosse! — pensava ele. Estava uma tarde muito entretido a olhar um saltimbanco que trabalhava no largo da fonte, quando ouviu que o chamavam da rua. Era a Joaquina do Espinhal. O pequeno, assim que a reconheceu, sentiu o coração pular-lhe de júbilo. A Joaquina perguntou-lhe como estava, e deu-lhe muitas saudades da Lena.

— Tu ainda te lembras dela? — perguntava a vizinha.

Ele respondia afirmativamente e ficava muito vermelho, quase a chorar. Pediu à Joaquina que esperasse um instante. Foi ao quarto em que dormia, tirou de uma gaveta a medalha do Bom Jesus, que lhe dera D. Leonarda, e desceu com ela à rua para a enviar à irmã.

Logo que saiu a porta, D. Leonarda assomou à varanda. Observou de cima o pequeno entregar à vizinha a medalha que lhe tinha dado. Teve um acesso de indignação, e esteve para gritar, mas conteve-a a idéia do escândalo.

Quando a mulher se separou, a freira berrou para baixo ao Simão, que tinha ficado parado à porta da rua:

— Ó rapaz! Sobe!

E mostrou-lhe tamanha indignação nos olhos arregalados, que o pequeno subiu as escadas a tremer, e a suplicar baixinho de mãos postas:

— Ai! minha Nossa Senhora! Valei-me, que ela mata-me!

Apenas chegou ao patamar, D. Leonarda inquiriu com voz ameaçadora:

— Quem te deu licença de entregares àquela mulher a medalha que te dei?

E, como o pequeno não respondesse, aplicou-lhe uma bofetada com tamanha violência, que o fez cambalear e cair para trás, batendo com a cabeça na esquina do degrau.



— Pedaco de maroto! — rosnava a freira convulsa. — Levanta-te!

E fitava os olhos coruscantes sobre o Simão, sem reparar que ele ficara ali, sem sentidos, estendido sobre o patamar, com um fio de sangue a escorrer-lhe da nuca!

\*\*\*

O enjeitado esteve oito dias de cama, com assistência de facultativo. Havia receio de que ao abalo da queda sobreviesse uma meningite. Se se declarasse, dizia o médico, o caso era grave e podia ser fatal!

Ao cair da tarde, acometia-o uma febre intensa, que o fazia delirar. Nessas crises, deitado de costas; com as faces afogueadas e os olhos muito brilhantes e fixos num ponto vago, o doente falava e gesticulava, proferindo repetidas vezes o nome da mãe e da Lena. D. Bernardo, sentado ao lado, perguntava-lhe com voz carinhosa:

— Tu que dizes?

Simão, como se despertasse no meio de um pesadelo, voltava os olhos para D. Bernardo, e estremecia.

— Tu que queres, Simão? — insistia o fidalgo, apalpando-lhe a fronte esbraseada.

O pequeno recuava para o fundo da cama, assustado, com os olhos espantados e a tremer.

— Não quero a senhora — balbuciava ele tranzido e a chorar. — Ela mata-me! Ai! eu quero a minha mãe! Ó meu padrinho, a senhora mata-me.

E segurava com força a mão de D. Bernardo, olhando para a porta com terror da presença da freira.

D. Bernardo, no dia em que o pequeno foi castigado, censurara a brutalidade da irmã.

— Não são modos de tratar as crianças, mana — tinha ele dito.

D. Leonarda replicou com azedume; e, quando D. Bernardo lhe pediu que se calasse, a freira retirou-se da sala com modo altivo, resmungando pelo corredor:

— Eu já o presumia! Bem me quis parecer que para afilhado, era muito amor!

Denunciara-se a freira! A suspeita de que o enjeitado fosse filho do irmão tinha-a sobressaltado. Nutrira sempre a esperança de ficar herdeira universal da casa da Tojeira. À primeira notícia da existência do afilhado, todos os seus cálculos ambiciosos se abalaram. Teve o receio instintivo do mendigo, que vê concorrente à mesma porta! Recebeu o pequeno com fingida ternura e piedade, mal podendo conter, mais tarde, o rancor que a sua presença lhe inspirava.

Quando reparou que ele estava desmaiado aos seus pés, a escorrer sangue, assaltou-a um sentimento de terror, julgando que o tinha morto. Chamou em altos brados pela criada, que apareceu no mesmo instante. O rapaz foi transportado em braços para o leito. Ao chegar D. Bernardo a casa, a criada referiu o que tinha sucedido, desculpando a senhora da melhor maneira que pôde.

— Onde está a sr.<sup>a</sup> D. Leonarda? — perguntou o morgado com ar grave e carrancudo.

— Está no quarto — respondeu a velha. — A senhora também ficou doente. Isto abalou-a muito.

Ao quarto dia a febre remitiu. Os receios do facultativo desvaneceram-se. No fim de uma semana, o doente saiu da cama para uma cadeira da sala.

Caminhava amparado ao braço do padrinho, muito desfalecido de forças, pálido e trêmulo. A freira via então o pequeno duas vezes por dia. Falava-lhe sem rancor, mas visivelmente constrangida.

Durante a enfermidade, a tal ponto D. Bernardo se afeiçoou ao afilhado, que passava os dias sentado junto dele, conversando e lendo-lhe de alto as notícias dos jornais.

— Quando voltarmos para a terra — dizia-lhe ele — hás de também aprender a ler. Queres?

— Quero, meu padrinho — respondia o Simão.

Um instante depois, perguntava:

— E a Lena?

— A Lena também há de aprender como tu.

\*\*\*

À noitinha, logo depois do toque das ave-marias, a Josefa chegava à porta a chamar os filhos, que andavam fora a brincar.

— Venham estudar, que é noite.

E acendia a candeia, que pendurava num gancho da parede superior a uma mesa de pinho. Sentava-se depois ao lado, com a roca metida à cinta, a fiar.

Como a mestra curava mais de ensinar às discípulas a meia e a costura, pondo em último lugar a leitura e a escrita, o Simão, em poucos dias, adiantou-se na lição à Madalena. Por isso era ele quem, estudada a sua, ensinava a lição à irmã. Debruçados sobre o mesmo livro, com as cabeças chegadas uma à outra, Simão ia apontando com o dedo as sílabas que Madalena soletrava:

— Ma-ri-nha.

E erguia os olhos do livro, hesitante, fitando-os em Simão, que a animava risonho.

— Marinha — dizia a pequena. O Simão irradiava de júbilo.

— Bem! — exclamava ele. — Agora para diante.

Então aparecia uma palavra enorme, que era um martírio para Madalena. Era ainda o Simão que a auxiliava amorosa e pacientemente, Fazendo-a reter bem as primeiras sílabas. Diziam simultaneamente:

— Na-tu-ra-li-da-de.

E se a Madalena dizia bem, o Simão, num ímpeto de contentamento, tomava-lhe a cabeça entre as mãos, e beijava-a na testa.

— Muito bem, Lena, muito bem!

No dia seguinte, saíam de casa juntos para a escola. Metiam por um atalho aberto no meio de um pinhal. Era um caminho triste e sombrio, com um chão úmido e mole todo sulcado pelas rodas dos carros e murado de ambos os lados pelos taludes barrentos, onde, no inverno, escorriam as chuvas. Acabava num terreno baixo desmoitado e areento, ao qual vinham dar as águas de um regueiro. À tardinha vinha ali beber uma revoada de pombas brancas. Mais adiante, o caminho bifurcava-se pelo meio de campos de milho. Junto ao portão

de uma quinta murada havia um grande sobreiro, a cujo tronco estava arrumada uma pedra tosca coberta de musgo requeimado. Era ali que os dois pequenos tinham de se separar, metendo Madalena por uma azinhaga, onde ficava a mestra-régia, e Simão por outro lado, na direção da escola dos rapazes. Nunca o faziam, porém, sem se sentarem algum tempo a conversar. Nesses instantes Simão contava à irmã os acontecimentos da Povia de Varzim. Madalena ouvia-o muito atenta, com os olhos abertos, que se embaciavam de lágrimas nos lances mais comoventes.

— Eu perguntava sempre à mãe quando tu vinhas — dizia Madalena, enxugando os olhos nas costas da mão. — Não gostava de estar sem ti. Olha Simão — pedia ela, lançando-lhe um braço sobre os ombros — agora, nunca mais há de ir embora, não?

— Quem sabe lá! — respondia o enjeitado, incerto do futuro, muito triste, com os olhos fitos num grupo de árvores, que havia defronte...

Às vezes, no inverno, quando um aguaceiro os surpreendia no caminho, corriam a abrigar-se debaixo daquela árvore. Ficavam ambos ali, muito achegados ao tronco, e tão esquecidos e abstratos, que nem davam tino da chuva que escorria dos ramos — como os dois namorados vistos por Diderot!

Decorreram assim três anos.

Madalena já costurava e bordava com tal perfeição, que era o espanto das vizinhas. Quando a Josefa mostrou uma toalha de linho bordada pela filha, para ser oferecida ao fidalgo da Tojeira, a Joaquina do Espinhal levantou nos braços a rapariga, beijou-a na boca e exclamou:

— És uma rosa, Madalena! Louvado seja Deus! Tens umas mãos, que são uma riqueza!

O Simão lia correntemente, escrevia com boa caligrafia, sabia as quatro operações, e até já auxiliava o mestre. Era o decurião da aula. Os discípulos mais venturosos eram ensinados por ele, propenso sempre à complacência e ao perdão, em quanto os desafortunados se viam nas mãos do sr. mestre, um velhote estúpido e rabujento, que se vingava das horrendas misérias a que o lançavam os governos relapsos no calote, macerando as mãozinhas tenras das crianças com estrondosas palmatoadas!

Um domingo, na ocasião em que os fregueses da missa saíam da igreja para o adro, o mestre-escola foi ao encontro de D. Bernardo, que vinha da porta lateral da sacristia, e deu-lhe do afilhado as melhores informações. Era uma grande cabeça que ali se perdia, se o deixassem seguir a lavoura — dizia ele. O

pequeno, além disso, era fraco e doente; e parece que estava talhado para seguir a vida eclesiástica.

D. Bernardo recolheu a casa, pensando no que o mestre lhe dissera. Era realmente preciso tratar do futuro do afilhado. Se a vocação o não contrariasse, a vida tranquila de sacerdote era a que mais se coadunava com as qualidades físicas do pequeno. Passados dois dias chamou-o a jantar consigo. No fim, perguntou-lhe se queria ser padre. O pequeno não respondeu. Pôs-se a correr entre os dedos a dobra da toalha, com os olhos no prato e sem proferir palavra.

— Queres, ou não queres? — insistiu D. Bernardo.

— Não, senhor — respondeu o pequeno a medo.

Desejava seguir uma vida que o não afastasse da Madalena. O fidalgo discordou. Ponderou com palavras carinhosas que era preciso seguir uma carreira que o fizesse um homem de bem. Ele que o mandara à escola, não era de certo para o deixar ficar assim, sem um modo de vida...

— Não, — disse D. Bernardo — se não queres ser padre, ninguém te força. Serás outra coisa. Mas previne a tua mãe de que para a semana hás de ir para Braga.

O pequeno desatou a chorar.

— Não chores — disse-lhe D. Bernardo, que se recordava das cenas da Povoia — não chores. Vais para um colégio de meninos como tu; e nas férias vai tua mãe buscar-te para vires à terra!

A propósito, e para desanuviar o coração do afilhado, contou-lhe varias brincadeiras do seu tempo de colegial.

\*\*\*

Simão foi acompanhado pela Josefa a casa do padre Barreiros, na rua da Cônega, em Braga. A mulher entregou uma carta do fidalgo da Tojeira. O padre montou os óculos, e leu a recomendação do seu amigo e antigo protetor.

— Muito bem — disse no fim, retirando os óculos, e dobrando a carta. — Então, este pequeno é o afilhado do sr. D. Bernardo?

— É, meu senhor — respondeu a Josefa.

— E é seu filho? — perguntou o padre.

A Josefa hesitou na resposta. Olhou para o pequeno, e disse baixinho:

— Ele é enjeitado; mas quem o criou fui eu.

Na tarde desse mesmo dia o Simão entrava como aluno interno no colégio de Jesuítas do Campo das hortas.

Foi recebido carinhosamente pelo diretor — um homem alto, rubicundo, vestido com uma ampla batina de clérigo. O padre Barreiros mostrou a carta do fidalgo da Tojeira, e acrescentou:

— O meu amigo é um dos membros mais valiosos do partido do sr. D. Miguel! Este pequeno é seu afilhado; e, pelos modos, o sr. D. Bernardo dedica-o aos estudos.

Os primeiros dias foram uma nova tortura para o pobre coração do enjeitado! Andava pelos cantos da casa a chorar. A cada momento, chegava-se às janelas, e detinha-se a contemplar a paisagem. Faziam-lhe inveja os homens que trabalhavam no campo. Procurava ver entre o arvoredo o caminho por onde viera para Braga, e ia seguindo quase instintivamente a estrada, que ora se perdia encoberta pela ramaria dos carvalhos, ora surgia em retalho em uma clareira para aparecer depois ao longe, ondeando pela encosta acima, muito branca entre a verdura do monte!...

Mas ao terceiro dia, o diretor chamou-o ao quarto, e entregou-lhe um pacote de livros, batendo-lhe carinhosamente na cara. Recomendou-lhe que estudasse muito.

— Ouviste? Para seres agradável a Deus, Nosso Senhor, e aos teus pais.

O Simão retirou-se vivamente comovido. A idéia de que tinha de estudar todos aqueles livros, despertava-lhe na alma um agradável sentimento de orgulho!

Nas férias do Natal, o padre Barreiros foi buscá-lo ao colégio, e enviou-o para a terra, muito recomendado a um almocreve, que passava perto da Tojeira. O pequeno não cabia em si de contente! Caminhava ao lado do recoveiro, revendo com imenso prazer os sítios por onde tinha passado meses antes, quando viera para o colégio. Ia impaciente! A cada passo perguntava:

— Agora já devemos estar perto? O almocreve dizia:

— Ainda temos muito que andar.

E continuavam os dois pela estrada fora, sem dizerem palavra. O almocreve, segurando no sovaco a arreata do primeiro macho da recova, caminhava num passo regular, assobiando. O Simão ia ao lado. A perspectiva triste e melancólica da paisagem em uma manhã fria de dezembro tinha para ele encantos indefinidos! As árvores despidas da folhagem, os campos sem verdura, o céu baixo e enevoadado, toda aquela desolação do inverno apresentava-se a ele com um aspecto risonho e sedutor!

— Ainda temos muito caminho a andar? — tornava ele ansioso.

O almocreve respondia:

— Vê o menino além aquela ermida, que fica na chapada? pois em lá chegando, já pode ver o telhado da casa do fidalgo da Tojeira.

Era ainda uma boa meia hora de caminhada! Quando iam a dobrar uma curva da estrada, Simão soltou um grito de alegria, e deitou a correr para a frente. Ao longe, vinha a Lena ao lado da mãe para o esperarem no caminho. A pequena correu também; e apenas se encontraram, abraçaram-se os dois em uma grande expansão de ternura!

O pequeno teve umas férias deliciosas. O padrinho tinha recebido excelentes informações dos padres do colégio. O aluno era inteligente, estudioso e bem comportado.

— Se tiveres sempre juízo — recomendava-lhe D. Bernardo satisfeito — podes ainda vir a ser um doutor! Queres?

O Simão não respondia. Ruborizava-se todo e, olhando para Lena, que assistia ao lado, sorriam-se os dois!

Na véspera de voltar Simão para Braga, a Lena deu-lhe uma pequenina cruz de metal suspensa de uma fita verde.

— Toma — disse, ela, pondo-lhe a fita ao pescoço. — É a cruz de Nosso Senhor, que eu beijo sempre ao deitar. Não te esqueças de fazer o mesmo, não, Simão?

\*\*\*

Nesse dia, um mês depois das férias, o diretor, antes de terminarem as aulas, mandou reunir na grande sala de estudo todo o colégio. Ao lado dele colocaram-se os professores e os prefeitos. O diretor subiu ao estrado, e pronunciou de lá um longo discurso, falando em amor de Deus, em humildade, em dedicação ao estudo, em obediência a mestres, e superiores! Os alunos,

aglomerados na vasta sala, ouviam silenciosamente, em uma postura grave, com os braços caídos ao longo do corpo. Ia distribuir-se um prêmio a um estudante, que pela sua aplicação, pela sua inteligência e pelo seu comportamento exemplar, se tornava digno daquela distinção honrosa!

O diretor fez uma pausa, e em seguida proferiu com voz cheia e solene o nome do aluno distinto:

— Simão Ferreira, filho de...

E, como no registro não houvesse designação de nome dos pais, emendou:

— Natural de S. Silvestre.

O Simão saiu dentre a multidão, muito vermelho e comovido, adiantando-se na sala com um passo hesitante. O diretor fê-lo subir ao estrado; e, colocando a mão sobre a cabeça do pequeno, proferiu ainda uma breve alocução laudatória, e entregou-lhe um livro encadernado em marroquim azul com letras doiradas no frontispício. Os professores bateram palmas, abraçaram o estudante; e Simão atravessou por entre os discípulos no meio de uma saudação entusiástica!

À tarde, quando estava no recreio, um criado veio chamá-lo para ir à presença do sr. diretor. Ao entrar na sala, Simão viu ao lado do diretor o padre Barreiros. Tinham ambos um ar sombrio e pesado. O diretor, logo que o pequeno entrou, disse-lhe pausadamente, pondo-lhe uma mão no ombro:

— Meu filho! O sr. padre Barreiros acaba de me anunciar a morte do teu padrinho...

O Simão fez-se pálido, e volveu para o padre os olhos marejados de lágrimas.

— Morreu ontem de repente — disse o padre Barreiros.

— Por isso — continuou o diretor — vais-te vestir para ires com o sr. padre Barreiros. Não sei se voltarás para o colégio, meu filho. Se não vieres, lembra-te sempre dos teus amigos, e continua a ser obediente e trabalhador.

O pequeno tinha o pressentimento vago de que na sua vida aquele acontecimento funesto devia ser de alta importância. Ficou meio atordoado, como se viesse de assistir a uma catástrofe!

Que iriam fazer dele, sem o auxílio do seu padrinho?



Esteve dois dias metido em casa do padre Barreiros. Ao cabo desse tempo, o padre disse-lhe, durante o jantar, que o sr. D. Bernardo tinha morrido repentinamente, sem deixar testamento.

Simão mal compreendia o alcance daquela revelação; mas, pelo modo como o padre falava, pareceu-lhe que era de gravidade o caso.

— Procurei a mana no convento — prosseguiu o padre Barreiros — e perguntei-lhe se queria continuar a proteger-te. Disse-me que o não fazia, por ora, sem saber o valor da sua casa. Aí tens tu, Simão, como estão as coisas! Por isso, entendo que deves procurar outro modo de vida. Tens hoje treze anos, sabes ler, escrever e contar, um bocado de francês e de latim. Deves seguir o comercio para, em pouco tempo, poderes proteger a mãe que te criou, que há de carecer do teu amparo. Queres?

De todas as considerações feitas pelo padre, Simão concluiu apenas que estava desamparado, e que era preciso trabalhar! Disse que sim, que fizesse o sr. padre Barreiros o que entendesse.

No dia imediato, o padre Barreiros foi procurar um sobrinho estabelecido com loja de ferragens na Fonte da Corcova, e ofereceu-lhe o pequeno. O ferragista anuiu; mas declarou logo que o fato do rapaz ter andado no colégio “era o diabo”! Ele preferia os que saíam das aldeias, sujeitos a toda a casta de trabalhos. Enfim, uma vez que o tio queria...

Simão entrou para a loja ao anoitecer. O patrão falou-lhe com ar carrancudo, tratando-o por tu, e dando-lhe a entender que, se o recebia, era por ser do agrado do tio. Simão não respondeu.

O tratamento grosseiro e áspero do patrão e do caixeiro mais velho da loja, a rudeza do trabalho, as condições péssimas do quarto em que dormia, sem luz, com pouco ar, entre quatro paredes úmidas e pegajosas, a lida continua desde o amanhecer ate à noite, transformaram em pouco tempo o pobre rapaz, como se o minasse uma doença grave. Tinha perdido a cor sadia e a vontade de comer. Dormia mal, sobressaltado por aquela súbita mudança nos hábitos da sua vida! O patrão obrigava-o a trabalhos pesados; e, quando o via fraquejar sob o peso das grandes cargas de ferragem, gritava-lhe: — Anda, avia-te! Quem não pode, arreia! Não sei de que te serve a comida!

E outras brutalidades, que melindravam e aviltavam o pequeno.

De uma vez, chamou-o para pesar em uma grande balança, que havia ao fundo da loja, num armazém escuro e frio, umas canastras de fechaduras. Simão, com o suor a escorrer-lhe na testa, segurava a cesta de um lado, o patrão do outro,

e, a um impulso simultâneo, colocavam-na sobre o prato da balança. À terceira carga, o pequeno não pôde mais, e deixou cair das mãos a canastra. O patrão deu um salto, e aplicou-lhe dois pontapés valentes, dados com a biqueira do tamanco. Simão principiou a chorar.

— Mexe-te — berrava o ferragista — mexe-te, ou levas outros!

Na madrugada do dia seguinte, quando o caixeiro o foi acordar para ir para a loja, Simão queixou-se de uma forte dor de cabeça, e pediu-lhe que o deixassem ficar na cama. Logo que o patrão apareceu, o caixeiro disse-lhe que o rapaz estava doente.

— Eu lá vou! — rosnou ameaçador o ferragista; e entrou no quarto do rapaz, ordenando que se levantasse imediatamente. — Eu tiro-te o mimo, meu menino! — dizia ele ao pequeno. — O que tu tens é ronha, grande mandrião!

Simão ergueu-se a tremer de frio. Vestiu-se à pressa, e desceu para a loja, adiante das ameaças e injurias do patrão. Passado um instante, vendo que o caixeiro se tinha ausentado, levantou a porta do mostrador, e fugiu para a rua. O patrão, que o avistara do fundo do armazém, saltou fora, e veio agarrá-lo por uma orelha no Campo da vinha. Quando se viu preso, Simão julgou-se perdido. Foi levado para casa, perseguido de sucessivos pontapés. Um as mulheres que passavam, pararam na rua, ao ver a fúria do homem, e compadecidas do rapazinho, que, a cada momento se voltava para trás, pedindo perdão com as mãos postas:

— Perdoe ao rapazinho — imploravam elas segurando o ferragista. — Perdoe-lhe por esta vez, sr. José.

O ferragista, porém, era implacável.

Chegado a casa, subiu com o rapaz a uma sala do andar superior, fê-lo despir a jaqueta e as calças, pegou num junco, e gritou-lhe pálido e trêmulo de raiva:

— Ajoelhe-se, e peça perdão!

Simão caiu de joelhos no sobrado, e ergueu as mãos.

— Agora — disse o ferragista — vamos ao corretivo.

E, com o junco vibrado com toda a força, principiou a vergastar as costas do rapaz. Simão retraía-se de encontro à parede, clamando por socorro. O patrão enfurecia-se mais aos brados do padecente, e, cego de indignação, quase sem respirar, num ímpeto convulso de fera, saltou sobre o rapaz a bater-lhe com

tanta violência, que o fez cair no chão, soltando gritos aflitivos, com as costas retalhadas e a escorrer em sangue!

O patrão cansado e ofegante abriu então a porta da sala, e saiu.

Simão, quando se viu só, ergueu-se de um ímpeto, desceu à pressa as escadas, e saltou para a rua a gritar. Ao dar meia dúzia de passos, caiu extenuado sobre o lajedo do passeio.

Reuniu-se muita gente em volta dele. As mulheres, em grande alarido, davam morras! contra o malfeitor.

Alguns homens tentaram levantar do chão o pequeno; mas as mulheres opuseram-se. Uma delas retirou um lençol de uma trouxa que levava à cabeça, e embrulhou nele o rapazito.

— Matem este patife! — gritavam as mulheres raivosas, com as lágrimas a saltarem-lhes dos olhos. — Matem!

A multidão crescia. Logo que constou no mercado, quase todas as vendedeiras acudiram a ver. O Simão ia já levado nos braços de uma, com a cabeça pendente no ombro dela, quando dentre o povo, que seguia atrás, se ouviu este grito dilacerante:

— Ai! que ele é o meu filho!

E uma pobre mulher da aldeia correu para ele aflita com os braços abertos. Era a Josefa, que, nesse dia, tinha vindo a Braga. Andava a mercar na feira umas camisolas, que ia levar ao filho. Ao ouvir os clamores do mulherio, adiantou-se para ver. Pobre mulher!

Tomou ela o Simão nos braços; e, perdida pela aflição, caminhava à toa, sem destino, lamentando que lhe tinham matado o filho do seu coração.

— Leve-o ao hospital — disseram as mulheres que a acompanhavam.

Atravessaram as ruas, seguidas da multidão, que ia engrossando de cada vez vez mais, ate ao largo dos Remédios. Chegadas ao hospital de S. Marcos, a Josefa entrou só, subindo as escadas a chorar. O facultativo fez deitar o pequeno, observou-lhe as contusões do corpo, e disse:

— O homem que fez isto deve ser preso!

O pequeno só cobrou os sentidos, quando lhe aplicaram as compressas de arnica sobre os vergões. Principiou a gemer, e a chamar pela mãe.

— Eu estou aqui, Simão — dizia a Josefa debruçando-se sobre ele. — Não chores, meu filho.

— Eu morro, minha mãe — dizia o pequeno, segurando-lhe as mãos, e levantando para ela os olhos suplicantes e cheios de lágrimas.

O povo, que acompanhou o Simão ao hospital, desandou em grande turba para casa do ferragista. Ali, ajuntou-se a um magote, que estava já estacionado à porta. O patrão tinha desaparecido da loja. Ao canto do balcão, o caixeiro, muito assustado pelo aspecto ameaçador da gente, não se mexia.

— Morra o patife! — gritou uma mulher.

— Morra! repetiram as outras.

E a multidão cresceu sobre a loja.

Foi precisa a intervenção da autoridade, reclamada pelos vizinhos do ferragista.

O administrador apareceu seguido do escrivão e de alguns policiaes, e ordenou ao povo que se dispersasse.

— Não saímos, sem que o malvado seja preso — berrou um operário face a face ao administrador.

O agente da autoridade entrou na loja. Passado pouco tempo a policia foi reforçada pela cavalaria, que conseguiu dispersar o ajuntamento. E, logo em seguida, o ferragista, pálido, a tremer, olhando assustado para os dois lados da rua, atravessou-a a correr, entre policiaes, para dar entrada na cadeia!

\*\*\*

No outro dia de manhã, o médico do hospital mandou colocar o biombo em volta da cama do Simão.

— Está a manifestar-se a congestão — explicou ele baixo à enfermeira.

Os outros doentes da enfermaria, quando viram o médico falar confidencialmente, olharam uns para os outros, desconfiados, com um ar abatido e triste. Ao longo de toda a sala havia um grande silêncio, percussor do

silêncio frio da morte. Os serventes do hospital atravessavam por entre as filas das camas em bicos de pés.

Às nove horas, a enfermeira acendeu as velas de cera de dois tocheiros, que ladeavam a imagem do Senhor crucificado, ao fundo da sala. Em seguida aproximou-se do leito do Simão. Estava deitado de costas, com os olhos fixos já meio embaciados... Respirava com opressão; e a boca entreaberta formava-lhe um traço escuro na palidez cadavérica do rosto.

— Quer alguma coisa? — disse-lhe a enfermeira ao ouvido.

— A minha mãe? — perguntou baixo o moribundo.

— Ainda não veio.

Houve uma grande pausa.

— Quando ela vier — pediu o Simão com uma voz débil — se eu tiver morrido, dê-lhe a cruz que tenho ao pescoço; sim?

Parou um instante para respirar, e acrescentou:

— É para a Lena.

A enfermeira tentou animá-lo, dizendo-lhe que ele havia de melhorar.

Simão fez um leve sorriso de descrença, e respondeu:

— Eu bem sei que morro... Ouvei o médico dizê-lo há pouco... Ai! já me falta o ar! Oh! minha mãe!

Quando a Josefa chegou à porta do hospital, o sino da capela começava a tocar a agonia!

A enfermeira esperou-a no patamar, e disse-lhe que o filho estava a morrer. Havia então na sala um silêncio lúgubre! Alguns enfermos, sentados no leito, murmuravam orações, com as mãos postas em súplica. Ouvia-se, de quando em quando, um gemido que partia do biombo.

A Josefa foi direita à cama do Simão. Estava a expirar! Ainda reconheceu a mãe; porque, fixando nela os olhos quase apagados, procurou com ansiedade a Lena. Como a não visse, rebentaram-lhe duas grossas lágrimas, e murmurou baixinho:

— Adeus!

E estremeceu todo, exalando o último alento em uma aspiração trêmula, como um suspiro de alívio!

*Coimbra, fevereiro de 1884.*